

PRECONCEITO E O ISOLAMENTO SOCIAL: COMO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS AFETA A PERCEPÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE LGBTQIA+.

Fernando Henrique Nascimento Kikuchi¹
fernandohenrique_785@hotmail.com

Luiz Gilberto Silva Junior²
luizjunior.04@hotmail.com

Lígia Maria Ávila Chiarelli³
biloca.ufpel@gmail.com

Resumo

Nesse estudo, o problema de pesquisa centra-se nas diversas formas de preconceitos e restrições na vida urbana que o universo LGBTQIA+ vivência e que foram agravados pela pandemia do Coronavírus. O objetivo dessa investigação é avaliar como a pandemia do COVID-19 afeta a percepção do convívio social da população LGBTQIA+. Com a aplicação do método grupo focal, foi possível verificar que o espaço urbano é um ambiente heteronormativo e violento, fazendo com que pessoas LGBTQIA+ tendam a reclusão. O que se observa com esse estudo é que o isolamento social causado pela pandemia do Coronavírus, só aumentou uma tendência natural da pessoa LGBTQIA+ ao enclausuramento. Por fim, conclui-se que o convívio social de pessoas LGBTQIA+ está mais difícil no momento, onde predominam as políticas e discursos de direita no Brasil. O que se observa durante a pandemia do Coronavírus no Brasil é uma regente necropolítica, que quando se volta para os LGBTQIA+, fica perceptível a intensão de dizimar essa comunidade.

Palavras-chave: LGBTQIA+; percepção social; COVID-19; isolamento social.

Abstract

In this study, the research problem centers on the various forms of prejudice and restrictions in urban life that the LGBTQIA+ universe experiences and that were aggravated by the Coronavirus pandemic. The objective of this investigation is to evaluate how the COVID-19 pandemic affects the perception of social life among the LGBTQIA+ population. With the application of the focus group

¹ Arquiteto e Urbanista UFFS (2019). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5200-130X](https://orcid.org/0000-0002-5200-130X)

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2020).

³ Atualmente é professora associada, aposentada, tendo atuado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

method, it was possible to verify that the urban space is a heteronormative and violent environment, causing LGBTQIA+ people to tend to reclusion. What is observed in this study is that the social isolation caused by the Coronavirus pandemic only increased a natural tendency of LGBTQIA+ people to confine themselves. Finally, it is concluded that the social life of LGBTQIA+ people is more difficult at the moment, where right-wing policies and discourses predominate in Brazil. What is observed during the Coronavirus pandemic in Brazil is a necropolitical ruler, which when it turns to the LGBTQIA+, the intention to decimate this community becomes clear.

Keywords: LGBTQI +; social perception; COVID-19; social isolation.

1. Introdução

Segundo Bento (2015), os estigmas que circundam as diversas sexualidades da comunidade LGBTQIA+ retornam em forma de preconceito nas relações sociais, limitando assim, a forma como o indivíduo interage com a coletividade. De acordo com Barbosa e Clark (2017), o planejamento urbano para a comunidade LGBTQIA+ sempre foram invisibilidades por uma dominação heteronormativa, causando um distanciamento dessa comunidade dos espaços públicos. Segundo as autoras, quando o estado promove algumas tentativas de inclusão do grupo nos espaços, acabam criando alternativas que somente atendem ao turismo. Ainda segundo as autoras, quando a inclusão está voltada apenas para o turismo, a comunidade acaba perdendo suas verdadeiras necessidades de pertencimento ao espaço urbano.

O estudo da Outright Action International (2020) verificou que no espectro social e da ocupação dos espaços da cidade, a pandemia do Coronavírus tem causado inúmeras consequências na vida da população em geral. Entretanto, o estudo ressalta que em uma análise histórica sobre as grandes pandemias, os grupos vulneráveis sofrem mais em comparação com a sociedade em geral. O Grupo de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer* e intersexos (LGBTQIA+) no contexto da pandemia do novo Coronavírus, enfrenta diversos desafios ligados ao isolamento social, aos estigmas sobre a sexualidade, perda dos modos de subsistência, interrupções no acesso aos cuidados de saúde, violência doméstica familiar e aumento da ansiedade (OAI, 2020). Nesse sentido, Bento (2015) argumenta que o sujeito homossexual por não se encaixar nos padrões heteronormativos impostos na sociedade, não usufrui do direito à cidadania plena.

Ferreira e Siqueira (2007) apontam que a orientação sexual é um fator que interfere diretamente no mundo profissional, levando a população LGBTQIA+ ao subemprego e informalidade. Segundo os autores por não se encaixarem nos padrões heteronormativos de comportamento, a subsistência da população LGBTQIA+ é diretamente comprometida. A Organização Internacional do Trabalho (2020) verificou que o Coronavírus gerou a perda de cerca de 60% dos ganhos mensal dos trabalhadores. O estudo da OutRight Action International (2020)

apurou que a comunidade LGBTQIA+ foi uma das mais afetadas, pois o medo de perder seus modos de subsistência e a falta do convívio social, produziram impactos na saúde, perda de rendimento no trabalho e aumento de transtornos de ansiedade.

De acordo a pesquisa da OutRight Action International (2020), o impacto do isolamento social e a falta do acesso aos espaços de reunião e convívio da população LGBTQIA+, agravou os casos de depressão e suicídio durante a quarentena, demonstrando ser um problema de saúde pública. **Nesse sentido, o problema de pesquisa centra-se nas diversas formas de preconceitos e restrições na vida urbana que o universo LGBTQIA+ vivência e que foram agravados pela pandemia do Coronavírus.** Para quem está isolado ou não tem acesso a comunidades de apoio, o isolamento social e a coabitação forçada, especialmente nos casos com familiares preconceituosos, são extremamente desafiadores para usuários LGBTQIA+. Podendo aumentar as crises de ansiedade, desconforto, memórias traumáticas e risco de violência (OAI, 2020). Desta forma a pergunta de pesquisa é: **“Como o isolamento social causado pelo Coronavírus afeta a percepção social da comunidade LGBTQIA+?”**

Para responder essa pergunta, o objetivo desse estudo é avaliar como a pandemia do COVID-19 afeta a percepção do convívio social da população LGBTQIA+.

2. Planejamento Urbano, Homofobia e a percepção social de pessoas LGBTQIA+

Pensar sobre essas transformações, a vida pública e o próprio planejamento urbano para comunidade LGBTQIA+ representa um desafio quando se propõe a questionar quem, e como são planejados esses ambientes. Os locais da cidade são pensados de forma a atender a heteronormatização da maioria, tornando esses espaços não inclusivos. Os sentidos, o convívio, a percepção da pessoa não pertencente a esse grupo, acaba sendo prejudicado de forma substancial, culminando em práticas que fomentam a exclusão. As cidades são o resultado da união de multiterritoriais, porém o receio do diferente acaba criando um território hostil para aqueles que desafiam o papel de gênero, cultural e de classe social (SANTOS, 2020).

Oberhauser (2018) questiona como a presença do grupo LGBTQIA+ em certos lugares influência e impacta na identidade social. Para a autora, essas identidades são alicerçadas e historicamente construída nas relações de poderes desiguais que privilegiam uma classe e marginaliza outras. Segundo a autora os lugares são moldados para permitir que uma identidade social domine esse espaço, retirando ou impedindo que a diversidade surja nesses locais.

Pensando nessa diversidade dos espaços, a percepção ambiental surge para designar os processos de interação entre o ser humano e o ambiente. Esse processo possui vários estágios com diferentes profundidades de interação, sendo a percepção e a cognição etapas do processo global de

percepção ambiental (NAOUMOVA, 2009). A percepção ambiental possibilita a compreensão do eu e do outro, das relações afetivas, dos sentimentos e da relação com o ambiente, que consiste na maneira como o ser humano, individual ou coletivamente, o vê e o compreende. Nesse sentido, as práticas cotidianas, como as experiências de compreensão do espaço urbano, acionam processos cognitivos de produção de subjetividades, produzindo domínios cognitivos e novos territórios existenciais (KANASHIRO, 2003).

De acordo com Simões, França e Macedo (2010), a cidade é um local onde a heteronormatividade impõe padrões comportamentais e que estes padrões acabam limitando a percepção da população LGBT+, onde estas são a todo momento marginalizadas e julgadas. Ainda segundo os autores a sua identidade sexual conseqüentemente é reprimida e limitada, devido ao medo de sofrerem preconceitos e humilhações.

Para Borrillo (2010) a homofobia é descrita como um comportamento hostil aos indivíduos que se consideram homossexuais. Segundo o autor, todo comportamento que foge da heterossexualidade, seja em relação ao convívio social quanto as relações de afeto entre duas pessoas, é condenado e julgado sendo passível de agressão. Os padrões heteronormativos impostos são tentativas de controlar seus corpos e modos de vida (AUTOR?). Sendo o medo um subproduto dessas relações e entendendo que a sexualidade não é um fator somente biológico, mas construído a partir das relações sociais do cotidiano (VENCESLAU, 2020).

Fontes (2008) afirma que o padrão heteronormativo imposto pressupõe um silenciamento das diferentes formas de expressão, comportamento e sexualidade, tirando qualquer espaço de existência. Segundo o relatório da ILGA (2019), 70 países condenam como crime as relações homoafetivas e em 44 deles a criminalização vale para todos os gêneros, enquanto nos demais apenas para homens. Em seis destes países está prevista pena de morte para quem possuir uma relação homoafetiva (MENDOS, 2019).

O Grupo Gay da Bahia (2019), um dos maiores grupos de pesquisa sobre a violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil, apontou que em 2019 foram contabilizados 141 homicídios e 15 suicídios, representando uma morte a cada 23 horas no país. Segundo o grupo há um descaso das competências governamentais, que não levantam informações e dados estatísticos sobre os atentados contra o grupo LGBTQIA+, o que deixa um limbo sobre tais violências no país.

A Constituição Brasileira de 1988 determina em seu art. 3º, inciso IV que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Segundo Carrara (2010) a constituição de 1988 trouxe transformações expressivas para a sociedade, citando a igualdade de gênero e o reconhecimento das diversas formas de família, porém, a estrutura que

implementa tais artigos é altamente comprometida, colocando assim de lado todas temáticas voltadas a comunidade LGBTQIA+.

Partindo dessas discussões o artigo busca entender como os estigmas e padronizações de comportamento, afetam e interferem, a percepção da comunidade LGBTQIA+. No próximo item será abordado como a percepção social desse grupo de usuários foi afetada pela pandemia do Coronavírus.

Coronavírus e a população LGBTQIA+

No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da saúde (OMS) declarou a disseminação do Coronavírus uma pandemia global, 167 dias depois o vírus continua a se espalhar pelo mundo. Além do impacto que a doença causa a saúde da população a OMS fala sobre o impacto nas economias locais e globais são devastadoras e incontáveis. Calmon (2020), afirma que o vírus não afeta todos na mesma intensidade e escala, sendo as minorias as classes mais afetadas.

De acordo com Ornell et al. (2020), a pandemia impactou a estrutura social da sociedade, causando grandes consequências para a saúde mental de todas pessoas. Segundo os autores o número de indivíduos que são afetadas psicologicamente tende a ser maior do que o número de indivíduos contaminados com o vírus, podendo chegar a um terço da população mundial, causando problemas psicológicos e psiquiátricos, afetando diretamente no convívio social.

Segundo OAI (2020), as vulnerabilidades que assolam a população LGBTQIA+ se agravaram por conta da pandemia do Coronavírus, pontuando que a adoção do afastamento e isolamento social, trouxe diversos desafios para a comunidade em suas relações sociais. A pesquisa ainda apresenta que para além dos aspectos ligados a saúde em alguns países, a pandemia se tornou um pretexto para a violação dos direitos humanos, causando uma propagação de mitos e rumores ligados a comunidade LGBTQIA+ e o Coronavírus.

Para Oliveira Duarte (2020) a pandemia juntamente com a crise capitalista, impactou sobre as demandas que a população LGBTQIA+ necessita, colocando ainda mais a comunidade nas margens da sociedade, forçando-as a viver no isolamento e na precariedade. Ainda segundo o autor a impossibilidade de viver uma vida digna, com garantia de direitos é impedida pela sociedade heteronormativa, os jogando a precarização de suas condições de vida, trabalho, renda, saúde, moradia, entre outros.

Para Borrillo (2010) a heterossexualidade em conjunto com a ideia de hierarquia das sexualidades, classifica todas as outras formas de sexualidade como incompletas, perversas e destruidoras da civilização. Venceslau (2020) pontua que o projeto de masculinidade e feminilidade vigente, condena e perpetua uma marginalização das sexualidades classificadas como desviantes. Os

autores analisam que sobre a perspectivas das diferentes sexualidades em comparação aos padrões é inconcebível pensar nas diversas maneiras que elas se expressam na sociedade atual, negando a elas qualquer espaço de socialização.

Em consequência ao isolamento social vivido pela comunidade LGBTQIA+ na pandemia do Coronavírus, a pesquisa apresentada pela OIA (2020), mostra que a falta de acesso aos espaços comunitários de convivência, trouxe a uma parcela da comunidade, o convívio em ambientes familiares altamente homofônicos e autoritários. O estudo ainda apresenta dados sobre ao aumento da depressão e de suicídios cometidos pela população LGBTQI+, agravando ainda mais as questões da saúde desses indivíduos.

Oliveira, Carvalho e Jesus (2020) argumentam que o isolamento social é um fator que a comunidade LGBTQIA+ vivencia diariamente, independente da pandemia do Coronavírus, dentro de casa, em espaços públicos ou institucionais. Os autores confirmam que os padrões impostos pela sociedade fazem com que os indivíduos LGBTQIA+, vivam de forma a esconder diariamente as suas individualidades e modos de vida, fomentando ainda mais o preconceito institucionalizado.

A prática cotidiana da população pode ser compreendida através dos sentimentos de afetividade e identidade que ambos têm a partir de suas experiências. Quando os espaços se transforma em lugar ele proporciona experiências revigorantes, e todas as esferas sensoriais interagem e se fundem na imagem do lugar que guardaremos em nossas memórias (PALLASMAA, 1996). A sensação de pertencimento e reconhecimento que as habitantes desenvolvem com a cidade, podem levar a mobilizações sociais e a superação de conflitos, transformando a realidade. O empasse entre o espaço abstrato e o espaço concreto, evidencia os conflitos e contradições do espaço urbano (SOBARZO, 2006).

Mota e Laurentiz (2019) constroem uma narrativa de que as cidades contemporâneas são majoritariamente pensadas e projetadas por pessoas heterossexuais, enquadrando normas e rituais de comportamentos, mantendo uma perspectiva conservadora do espaço de sociabilidade. Ainda segundo os autores a utilização dos espaços de socialização em tempo integral, são exclusivamente ligados a pessoas heterossexuais, onde este grupo pode se expressar sua identidade sexual de forma natural, enquanto ao grupo LGBTQIA+ são violentados ou mortos por tentarem fazer o mesmo.

Portanto este estudo visa entender como o isolamento social afetou a percepção em comunidade da população LGBTQIA+, percebendo que as questões que tratam as sexualidades necessitam e requerem um entendimento histórico e analítico para fugir das interpretações biológicas e naturais, conferindo em uma ruptura dos padrões heterossexuais presentes.

3. Metodologia

Conforme Gil (2007) esta é uma pesquisa aplicada e classifica-se como exploratória em relação aos seus objetivos, pois busca maior proximidade com o problema para torná-lo mais evidente. Para alcançar o objetivo deste estudo, esta pesquisa será baseada em múltiplos estudos de caso. Para Yin (2010) a escolha deste método de pesquisa é feita quando a questão de pesquisa não exige controle dos eventos comportamentais e foca em acontecimentos atuais inseridos na vida do cotidiano, como é o caso deste trabalho. Para responder o objetivo desta pesquisa, o método selecionado foi o Grupo focal.

Grupo focal

O grupo focal é um método qualitativo que visa coletar uma grande quantidade de informações em um pouco tempo, e permite uma riqueza e flexibilidade de dados pois os participantes interagem permitindo assim, maior espontaneidade nas respostas e permitindo identificar onde acontece os atravessamentos das realidades investigadas (FREITAS et al., 1998).

O procedimento de seleção das amostras para o grupo focal foi feito por bola de neve. Esse tipo de amostragem não-probabilística utiliza cadeias de referência, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo, ou reconhecidos por estas, para localizar participantes para estudo (VINUTO, 2014). Foram convidados 5 participantes pertencentes a comunidade LGBTQIA+. Após explicar a pesquisa e os objetivos pretendidos para um dos participantes, foram contatadas por indicação dele, outras quatro pessoas para realizar a aplicação do método. O primeiro convidado tem 38 anos, residente da cidade de Bagé – Rio Grande do Sul, se considera um homem gay cisgênero e possui doutorado na área de história. O segundo convidado tem 36 anos, reside na cidade de Goiânia – Goiás, se considera um homem gay cisgênero e possui doutorado na área de sociologia. O terceiro participante tem 35 anos, reside na cidade de Quixadá – Ceará, se considera um homem gay cisgênero e possui graduação na área de sociologia. O quarto participante tem 22 anos, reside na cidade de Pelotas – Rio Grande do Sul, se considera um homem transexual, atualmente é graduando em geografia. O quinto e último participante tem 45 anos, reside na cidade de São Paulo – São Paulo, se considera um homem gay cisgênero e possui doutorado em psicologia.

O grupo focal com pessoas LGBTQIA+ durou 2 horas e 12 minutos e foi realizado no dia 04 de setembro de 2020, às 16 horas e 30 minutos, com cinco participantes e dois pesquisadores, em uma vídeo-chamada pela plataforma Google Meet. Foram feitos questionamentos sobre o impacto da pandemia do Coronavírus nas formas de apropriação da cidade; as maiores dificuldades do isolamento social enquanto pessoa LGBTQIA+; e como percebe e reage a forma como a pandemia vem sendo conduzida pelos políticos e agentes públicos. Todas as perguntas estão disponíveis no Apêndice A.

Os dados coletados nessa investigação foram analisados de maneira qualitativa, o diálogo do grupo focal foi transcrito (Apêndice B) e as citações foram separadas conforme as categorias de análise, criadas com base no referencial bibliográfico, apresentado no item 2 (Apêndice C).

4. Resultados e discussões

Os dados do método grupo focal demonstram que a pandemia do Coronavírus foi sentida, num primeiro momento, através do impacto financeiro. Foi apontado pelos participantes que a falta de oportunidades para ingressar no mercado de trabalho e as incertezas desse período, tem maior impacto em pessoas LGBTQIA+, pois essas pessoas estão constantemente tendo que superar preconceitos e barreiras sociais. O que está de acordo com os estudos de Calmon (2020), que afirma que o vírus não afeta todos na mesma forma e as minorias são as classes mais afetadas. Alguns dos entrevistados apontaram que por estarem diretamente envolvidos com ativismo da causa LGBTQIA+, não poder sair na rua para ocupar o espaço ou protestar gera desconforto e angústia, principalmente em um momento que o Brasil enfrenta uma série de retirada de direitos e ataques a pessoas e a causa LGBTQIA+. Esses dados corroboram os estudos de Fontes (2008), onde afirma que sociedade impõe um silenciamento das diferentes formas de comportamento e sexualidade, tirando qualquer espaço de existência.

Para reduzir esse conflito, os participantes apontaram que estão se dedicando mais ao ativismo nas redes sociais e fortalecendo o debate pela luta de direitos. Um dos participantes apontou que por ser ativista as notícias ou relatos de homofobia que chegam até ele, possuem um impacto maior. Além disso, por morar em uma cidade que possui uma forte presença militar, quando o entrevistado transita pela rua com seu companheiro ele se sente cercado e a pandemia acabou aumentando esse encarceramento. Esse dado corrobora a pesquisa de Oliveira, Carvalho e Jesus (2020) onde argumentam que o isolamento social é um fator que a comunidade LGBTQIA+ vivencia diariamente, independente da pandemia do Coronavírus.

Os dados demonstram que a pandemia teve forte efeito psicológico em pessoas LGBTQIA+, afetando a saúde e o bem-estar dos participantes. Na aplicação do método grupo focal participaram cinco pessoas e nenhuma delas relatou que ela ou seus parentes foram contaminados pela COVID-19, porém todos os participantes relataram problemas e dificuldades em lidar com a saúde mental. Esse dado corrobora os estudos de Ornell et al. (2020), onde apontam que o número de indivíduos afetadas psicologicamente tende a ser maior do que o número de indivíduos contaminados com o vírus.

Os dados demonstram que além das crises de ansiedade foram observados ataques de pânico, distúrbios alimentares, perda de humor, insônia e depressão. Segundo os entrevistados os distúrbios alimentares influenciam no metabolismo e faz com que ganhem peso rapidamente, e com

isso vem a perda da autoestima o que faz piorar os efeitos psicológicos da pandemia. Também foi verificado que o aumento de peso faz com que os entrevistados desenvolvam paranoias quanto à COVID-19 aumentando a incidência de ataques de pânico, isso se deve ao fato da OMS (2020) declarar que a obesidade é a segunda maior responsável pelas vítimas do Coronavírus. Para reduzir os efeitos psicológicos causados pela pandemia do Coronavírus os participantes apontaram que fazem uso de medicamentos, onanismo, exercícios físicos, alongamentos e entorpecentes.

Um dos participantes apontou que por ser homem-trans teria que fazer uso de uma série de hormônios para fazer sua transição de gênero, mas devido à pandemia do Coronavírus que fez com que boa parte dos serviços parassem, faltam documentos para acessar esses medicamentos através do SUS. O entrevistado apontou também que possui depressão crônica, e que a impossibilidade de acessar os medicamentos e falta do convívio social com pessoas que se sente confortável alimenta o seu processo depressivo, que vai acontecer de qualquer forma porque é crônico.

Os dados apontaram que os participantes também se sentem inseguros de ir em hospitais ou UBS's para fazer testagem de DST's, gerando incertezas sobre sua saúde sexual. Um dos entrevistados apontou que em um dos seus estudos identificou que a política de assistência de saúde da comunidade LGBTQIA+, se reduz a questões relacionadas a infecções sexualmente transmissíveis. Segundo o participante quando se pensa em política pública para LGBTQIA+ precisamos pensar em relações a todos os aspectos, planejamento familiar, bem-estar entre outras coisas, mas isso atualmente não acontece e é normal que a própria comunidade LGBTQIA+ se reduza as questões que envolvem sexo.

Os participantes relatam que a vivência urbana tem um valor muito grande no cotidiano, e que experienciar o espaço público agrega um valor identitário para o sujeito. Os espaços mais comumente frequentados são aqueles que possuem maior número de pessoas LGBTQIA+, sendo eles praças, parques, museus, feiras de ruas, bares e festas.

Os participantes apontam que num primeiro momento o isolamento social foi bem aceito porque entende-se a razão de não poder sair, afinal de contas não é uma coisa que está acontecendo e você não está sendo excluído do processo, simplesmente tudo parou. Além disso, era esperado que o tempo de isolamento seria menor e que as decisões políticas de controle da doença iriam seguir o modelo de outros países. Na fase de adaptação ao isolamento social, os participantes apontaram que tiveram que reconstruir uma nova noção de estar em casa com mais leitura, entretenimento e comunicação virtual.

Com o passar do tempo os participantes apontaram que a falta da rua, da convivência forçada e do contato com os outros começou a gerar conflitos internos que os faziam repensar o sentido da quarentena ou do porquê se isolar. Um dos entrevistados argumenta que “o isolamento

gera uma sensação de esvaziamento dessa coisa do herói, sabe eu não sei o que eu posso fazer, parece que eu não tenho ação sobre o mundo”. Esse esvaziamento do poder de agir foi identificado por outros participantes, que associaram essa sensação de impotência com o surgimento de um início de depressão. Em consequência alguns dos entrevistados relataram que fizeram uma flexibilização de isolamento para afastamento, e que encontram amigos ou parceiros esporadicamente. Entretanto, deixaram evidente que durante esses encontros as relações estão diferentes, com cada um no seu canto e que existe uma tensão associada a culpa por estar ali.

Os dados apontam que pessoas LGBTQIA+ sentem mais preconceito e segregação em cidades de pequeno e médio porte. Os participantes apontam que as universidades colaboram para diminuir a discriminação, e que é possível notar a diferença das cidades antes e depois da chegada das universidades. Também foi apontado que quando a universidade nos leva a morar em novas cidades, a distância dos laços familiares aumenta a liberdade individual e faz com que pessoas consigam exercer sua cidadania LGBTQIA+.

Os dados coletados no grupo focal sobre a convivência forçada em ambientes familiares homofóbicos confirmam a pesquisa da OIA (2020), e deixa evidente que a pandemia do Coronavírus aumentou a vulnerabilidade social da população LGBTQIA+. Foi apontado que essa convivência implica diretamente na saúde mental desses sujeitos, pois quando a pessoa não tem seu próprio espaço ela não consegue ser quem é. Um dos entrevistados apontou que trabalha em um projeto de acolhimento desses jovens, e que durante a pandemia triplicaram os números de pessoas LGBTQIA+ expulsas de seus lares. O entrevistado também apontou que aumentaram o número de pessoas que não conseguiam existir nesses ambientes familiares opressivos e optaram por sair de casa.

Os dados demonstram que as dificuldades encontradas para acessar programas de cidadania para pessoas trans foram acentuadas pela pandemia do Coronavírus. Segundo o participante para encaminhar os documentos necessários para mudança de nome, ele teve que ir em vários cartórios e encaminhar diversos comprovantes, essa função que levaria em torno de dois meses acabou levando sete meses. O participante apontou que durante esse tipo de processo se sente muito exposto e com medo de possíveis agressões, físicas ou verbais, e que a demora para conseguir a documentação aumentou ainda mais essas sensações e conflitos internos.

Os participantes avaliaram que no Brasil a resposta ao COVID-19 foi sutil e pálida, dessa forma os governantes e a população em geral não construíram referências para que pudessem enfrentar a pandemia. Os dados demonstram que na percepção dos usuários, o governo federal promove uma certa falta de respeito ao isolamento social, e as pessoas acabam ficando desorientadas em relação as medidas de proteção. Além disso as medidas foram flexibilizadas muito rapidamente, pois percebe-se que o setor comercial está pressionando os governantes para deixar os estabelecimentos abertos e manter as pessoas trabalhando.

Os participantes apontaram que uma necropolítica está mais visível nesse momento que imperam as políticas e discursos de direita no Brasil. Onde se observa uma elite que consegue fazer seu trabalho remoto, sem sair de suas casas, ao mesmo tempo que vê a população pobre tendo que sair para trabalhar. Evidências dessa necropolítica também estão presentes nas questões LGBTQIA+. Um dos participantes apontou que faz parte de campanha política de um partido político na cidade que reside, e que o prefeito que é outro partido vai nas igrejas e comunidades disseminar notícias que o programa que o entrevistado faz parte, apoia a pedofilia e que vai transformar todas as pessoas em homossexuais, e por isso que tem tantas travestis e aberrações. Para o entrevistado o mais preocupante disso tudo é o ódio que volta para toda comunidade LGBTQIA+. Esse dado confirma os estudos de Borrillo (2010) onde argumenta-se que a heteronormatividade, classifica todas as outras formas de sexualidade como incompletas, perversas e destruidoras da civilização.

Respondendo à pergunta de pesquisa

Após a aplicação e análise do método grupo focal foi possível constatar que o objetivo deste estudo foi alcançado, e, dessa maneira, responder à pergunta de pesquisa que é: **“Como o isolamento social causado pelo Coronavírus afeta a percepção social da comunidade LGBTQIA+?”**. Foi verificado que num primeiro momento a adesão ao isolamento social não causou grandes surpresas, afinal entende-se o motivo dele existir. Com uma rotina mais centrada na residência os participantes apontaram que tiveram que reconstruir suas noções do habitar, e houve um momento de atividades voltadas para o bem-estar. Conforme a doença foi avançando e as decisões de contenção da COVID-19 eram o tempo todo contrariadas, houve um questionamento entre os participantes sobre a forma de isolamento ou do porquê se isolar.

Todos os participantes apontaram que o isolamento social gerou um esvaziamento do poder de ação sobre suas vidas, o que resultou em uma série de conflitos internos e o início de distúrbios depressivos. Após sete meses de pandemia três participantes apontaram que flexibilizaram o próprio isolamento, e que encontram amigos e parceiros mesmo que em menor frequência. Entretanto, segundo os participantes esses encontros geram sensações de desconforto e culpa.

Os dados demonstram também que a falta de acesso ao espaço urbano, seja para ocupar o espaço ou para protestar por direitos, interfere no comportamento individual de pessoas LGBTQIA+. Todos os participantes apontaram que o conflito de não poder ocupar os espaços gera angústia e preocupação com o futuro. Esse estudo verificou que enquanto os espaços físicos se esvaziam, os espaços virtuais surgem como um alívio da necessidade humana de estar em contato com o outro.

O presente estudo verificou que como o espaço urbano é um ambiente heteronormativo e violento para pessoas LGBTQIA+, esses usuários tendem a serem mais reclusos e ocupar somente espaços que identificam seus semelhantes ou abertos à diversidade. O que se observa com esse estudo

é que o isolamento social causado pela pandemia do Coronavírus, só aumentou uma tendência natural da pessoa LGBTQIA+ ao enclausuramento.

O isolamento social e todo o estresse gerado pela pandemia do Coronavírus, fez com que todos os participantes relatassem problemas de saúde mental como ataques de pânico, ansiedade e depressão. Essa falta de controle da saúde mental tem reflexos na saúde física dos entrevistados, que apontaram desenvolver distúrbios alimentares e insônia durante o período de isolamento. Além disso, foi verificado que as medidas de controle do vírus também dificultaram o acesso de pessoas trans ao direito de assistência médica e jurídica, o que faz piorar os efeitos da saúde mental e física dessas pessoas. Para ajudar a reduzir os danos na saúde mental foi apontado o uso de atividades de escape, mas ainda assim foi verificada a necessidade do uso de medicamentos e entorpecentes.

Sobreviver em ambientes homofóbicos é um desafio para todo o LGBTQIA+, e os dados desse estudo comprovam que a situação dessas pessoas piorou muito durante a pandemia do Coronavírus. Pois a convivência forçada gerada pelas medidas de isolamento afeta diretamente a saúde mental de pessoas LGBTQIA+, e faz com que vários jovens e menores de idade sejam expulsos ou fujam de suas casas.

Todos os participantes avaliaram o desempenho do Governo Federal como sutil e pálido, além disso foi apontado que faltaram decisões centralizadas e distribuídas conforme a pandemia avançava e dessa maneira, a população em geral não criou referências adequadas para se proteger e evitar a disseminação do vírus. Os dados também apontam que na percepção do usuário as medidas de controle da pandemia foram flexibilidades muito cedo, devido à pressão do setor econômico e político.

5. Conclusão

Este estudo verificou que a ocupação dos espaços públicos pela comunidade LGBTQIA+ sempre é limitado por fatores que são pautados pela heteronormatividade presentes nos locais da cidade. Pode ser constatado neste estudo que em cidades de pequeno e médio porte, essa mesma percepção é influenciada pelo preconceito e falta de contato com diversidade de pessoas e de expressões comportamentais. Os dados apontam que os LGBTQIA+ sentem um preconceito mais agressivo em aglomerados urbanos menores e militarizados. Nessas cidades a pessoa LGBTQIA+ vivem com um sentimento de que devem ir embora. Além disso, a distância dos laços familiares aumenta a liberdade individual desses sujeitos.

Por fim, conclui-se que o convívio social de pessoas LGBTQIA+ está mais difícil no momento que predominam as políticas e discursos de direita no Brasil. O que se observa durante a pandemia do Coronavírus no Brasil é uma regente necropolítica, onde os mais ricos conseguem fazer

suas atividades remotamente, enquanto os mais pobres seguem trabalhando normalmente sem a necessidade de proteção contra a COVID-19. Para a população LGBTQIA+ essa situação é agravada pela onda Bolsonarista, que divulga notícias falsas e fazem campanhas demonizando a comunidade LGBTQIA+, além de atacar todos os programas políticos de outros partidos sensíveis a causa. Quando essa necropolítica regente se volta para os LGBTQIA+ é perceptível a intensão de dizimar essa comunidade, pois para o entendimento dessas pessoas acabaria com essa prática.

Assim, podemos dizer que para a comunidade LGBTQIA+ ocupar os espaços da cidade, para além de ser um simples ato de resistência, ele é capaz de quebrar e romper barreiras impostas por um planejamento heteronormativa, permitindo uma maior diversificação nas práticas sociais nos espaços da cidade. Porém, atualmente no Brasil a comunidade LGBTQIA+ e todas as outras minorias da sociedade não são bem-vindas nos espaços públicos, e, em um horizonte, essas pessoas não enxergam uma maneira de serem pertencentes a esses espaços.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Fernanda Lopes; CLARK, Giovani. A **(IN) VISIBILIDADE DA COMUNIDADE LGBT E O PLANEJAMENTO ESTATAL**. Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável, v. 3, n. 1, p. 90-107, 2017.

BENTO, B. **“Pinkwashing à brasileira”**: do racismo cordial à LGBTTTfobia cordial. Revista Cult, São Paulo, 16 de dezembro de 2015. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/pinkwashing-brasileira-do-racismo-cordiallgbtttfobia-cordial/>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Trad. Guilherme João de Freitas Tei-xeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo horizonte: Autêntica, 2010.

BRAZIL; BRAZIL. CONGRESSO NACIONAL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Constituição 1988**. Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, 2003.

CARDOSO, Maria Heloisa Melo; FELDENS, Dinamara Garcia; LUCINI, Marizete. **Juventude LGBTQIA+ e a educação**. Revista Educação Em Questão, v. 58, n. 55, 2020.

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

DE OLIVEIRA DUARTE, Marco José. **VIDAS PRECÁRIAS E LGBTQIFOBIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: A NECROPOLÍTICA DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES**.

FERREIRA, R. C.; SIQUEIRA, M. V. S. **O gay no ambiente de trabalho: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de Brasília, Distrito Federal, 126p.

FONTES, Malu. **Ilustrações do silêncio e da negação: a ausência de imagens da diversidade sexual em livros didáticos**. Revista psicologia política, v. 8, n. 16, p. 363-378, 2008.

FREITAS (H.), OLIVEIRA (M.), JENKINS (M.), and POPJOY (O.). **The Focus Group, a qualitative research method**. ISRC, Merrick School of Business, University of Baltimore (MD, EUA) WP ISRC No01298, February 1998. 22p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2007.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Direitos Humanos 2019**. Bahia, Salvador 2019. Disponível em <<http://www.ggb.org.br/direitos.html>> Acesso em: 03/01/2020

KANASHIRO, Milena. **A cidade e os sentidos: sentir a cidade**. Desenvolvimento e meio ambiente, v. 7,

2003.

MOTA, Cássio Henrique Naves; DE LAURENTIZ, Luiz Carlos. **Micropolíticas LGBT no espaço urbano de Uberlândia–MG**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, v. 19, n. 1, p. 11-11, 2019.

NAOUMOVA, Natalia. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. 2009.

NAVES MOTA, Cássio Henrique; DE LAURENTIZ, Luiz Carlos. **Micropolíticas LGBT no espaço urbano de Uberlândia–MG**. 2019.

OLIVEIRAB, Fabio AG; DE CARVALHOC, Henrique Rabello; DE JESUSD, Jaqueline Gomes. **LGBTI+ em tempos de Pandemia da COVID-19a**.

OMS, OPAS. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **ILO monitor: COVID-19 and the world of work**. 3. ed. [Genebra]: ILO, 2020a. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_743146.pdf. Acesso em: 02 ago. 2020.

ORNELL, FELIPE et al. **Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias**. Revista debates in psychiatry, 2020.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL (OIA). **Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people**. New York: OutRight Action International, 2020. Disponível em: <https://outrightinternational.org/content/vulnerability-amplified-impact-COVID-19-pandemic-lgbtqi-people>. Acesso em: 07 ago. 2020.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos**. John Wiley & Sons, 1996.

PANIZA, Maurício Donavan Rodrigues. Entre a emergência, a submersão e o silêncio: LGBT como categoria de pesquisa em Administração. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, n. 1, p. 13-27, 2020.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso et al. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis et al. **Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 35, n. 1, p.37-78, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n35/n35a3>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. **Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo**. Cadernos pagu, n. 35, p. 37-78, 2010.

SOBARZO, Oscar. **A produção do espaço público: da dominação à apropriação**. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), n. 19, p. 93-111, 2006.

VENCESLAU, Igor. **Outras Cartografias: medo, mortes e resistência lgbti+**. Medo, mortes e resistência LGBTI+. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/outras-cartografias-medo-assassinatos-e-resistencia-lgbti/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

YIN, R.K., **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, p. 248, 2010.